

ELSINORE



Viet  
Thanh  
Nguyen

# UM HOMEM DE DUAS CARAS

# ÍNDICE

## 9

### primeira parte

- sabem o caminho para san josé?, 11
- olá, hollywood?, 29
- o princípio da memória, 45
- o único tipo de modelo que alguma vez serás, 61
- colonizador e colonizado, 83
- os brancos e outros salvadores, 101

–

## 111

### segunda parte

- sentimentos contraditórios, 113
- afinal... de onde é que és mesmo?, 131
- deslembado, 143
- a questão americana, 157
- bons, maus e feios, 167
- a sala ronald reagan, 183
- histórias de guerra, 197
- diz o meu nome, 215
- tudo sobre a tua mãe, 223
- cuidar da memória, 235
- a tua educação, 245
- retrato do escritor enquanto jovem imbecil, 255
- o teu arquivo pessoal, 265
- o inventário de ti mesmo, 275
- peregrinação, 287

–

## 299

### terceira parte

- o esquecimento, deliberado e accidental, 301
- obituário, 317
- memorial, 327
- segredos públicos, 339
- o fim de mim mesmo, 357
- đất thánh việt nam, 365

–

## 381

### agradecimentos

–

## 385

### notas

–



*para Mim*  
*para a Mã*  
*para Linda Kim Nguyen*  
*para Nguyễn Thị Bãy*  
*para a minha mã*

1937-2018

# PRIMEIRA PARTE

Como pode a palavra «eu» ser posta no plural...  
como posso eu falar de um eu sem ser eu próprio?

MAURICE MERLEAU-PONTY, *FENOMENOLOGIA DA PERCEÇÃO*

SABEM O CAMINHO  
PARA SAN JOSÉ?

Quando é que começa a memória?  
Que memória é que eu procuro?  
E onde, na tênue fronteira entre  
história e memória, consigo re-  
lembrar-me de mim próprio?

A memória começa com o Ba e a Má, as suas imagens como fotografias, a sua história como um filme, daqueles que se encontram na caixa preta de uma cassete VHS, numa época em que há muito me desfiz do meu gravador de vídeo.

Todos os nossos pais deviam ter as suas vidas transpostas para filme. Ou pelo menos os meus pais deviam. A sua jornada épica merece um tratamento digno de uma estrela de cinema, mesmo que seja apenas num filme independente de baixo orçamento. A bela Joan Chen, no seu auge, faria de minha mãe; o jovem galã Russell Wong, de meu pai.

E que importa se nenhum dos atores for vietnamita?  
Aqui somos todos asiáticos.

Joan Chen interpretou uma mãe vietnamita no filme de grande orçamento *Quando o Céu e a Terra Mudaram de Lugar*, o filme biográfico de Oliver Stone sobre Le Ly Hayslip, uma camponesa vietnamita apanhada no turbilhão de uma guerra terrível. Sexy Russell, com as suas maçãs do rosto esculpidas e os seus lábios carnudos, poderia ter sido uma estrela de cinema se Hollywood alguma vez tivesse

escolhido homens asiático-americanos como protagonistas românticos. O seu cabelo penteado para trás faz lembrar-me o do meu pai numa fotografia a preto-e-branco da década de 1950, com o cabelo a reluzir. Eu, com a minha obsessão interminável com o penteado e os cuidados com o cabelo desde os dezasseis anos, devia ter perguntado ao Ba, quando ele ainda se lembrava, que produto é que usava no cabelo. Podia tentar pentear-me da mesma maneira, à semelhança do que fiz quando vesti a camisola cinzenta da minha mãe depois de ela ter morrido e descobri que eu cabia naquele vazio.

Neste filme que cintila no cinema bafiento da minha mente, as canções são compostas pelo lendário Trịnh Công Sơn e cantadas pela sua igualmente lendária musa de voz rouca, Khánh Ly. As suas colaborações constituem a banda sonora da nostalgia e da perda dos exilados e refugiados vietnamitas, reproduzidas em cassetes de quarenta e cinco minutos de cada lado, filtradas por uma névoa de fumo de cigarro e acompanhadas por conhaque *Hennessy VSOP*. Wong Kar-wai é o realizador, com a sua forma tipicamente temperamental e sedutora. A iluminação? Ténue. O ambiente? Romântico. O esquema de cores? Polaróide desbotado.

E o ator que me interpreta? Um rapazinho engraçado com uns grandes olhos negros.

Depois de o filme aparecer e desaparecer,  
nunca mais se ouve falar do rapazinho.  
Ninguém se lembra do nome dele.

Talvez Wong Kar-wai e o seu diretor de fotografia Christopher Doyle pudessem lançar o seu feitiço cinematográfico na nossa casa junto à autoestrada em San José, pintada de castanho-escuro, talvez para evocar a casca das árvores, feita de madeira e telhas, estuque e silêncio, memória e esquecimento.

Imaginem o choque do agente imobiliário quando os meus pais, refugiados não fluentes em inglês, pagaram a casa em dinheiro.

Para a maior parte dos refugiados e imigrantes, a vida é feita de casas ou quartos arrendados, casas ou apartamentos sobrelotados, famílias alargadas e inquilinos necessários. Casas desarrumadas. Vidas vazias. É assim que Fae Myenne Ng descreve a vida dos imigrantes no seu romance *Bone*. O cenário é uma Chinatown pouco exótica, mas, pelo menos, é na costa de São Francisco. Quem é que alguma vez escreveu sobre a provinciana San José, a uma hora de carro, ou a fez brilhar no cinema? Pelo menos Dionne Warwick celebrou a cidade com uma canção: «Do You Know the Way to San José?»

É claro que não é tão boa como as canções sobre São Francisco.

A nossa rua nem sequer tinha um nome, como a Mango Street, de Sandra Cisneros. Apenas uma direção e um número, South Tenth, barras de ferro pretas nas janelas. Devem ter sido os nossos conterrâneos do velho mundo a instalar essas grades, pois não podiam ser abertas por dentro, prendendo-nos em caso de incêndio. Acho que a culpa é dos nossos compatriotas, sempre a escolherem o caminho mais fácil. Quando alguns deles fazem um pátio de cimento para nós, esquecem-se de o alisar, deixando a superfície com a textura da Lua.

Com aquele estilo clássico de San José, quem nos compra a casa acaba por pavimentar mais tarde o relvado para aumentar estacionamento. A minha mãe costumava reclinar-se nesse relvado, fazendo poses para ser fotografada pelo meu pai. As nossas fotografias americanas são quase sempre a cores, ao contrário da maioria das nossas fotografias vietnamitas, em que uma névoa glamorosa ilumina os meus pais. A minha mãe, numa encosta relvada junto a uma igreja, está resplandecente com um dos seus muitos áo dàì.

O meu pai, magro como uma das atuais estrelas pop coreanas, encosta a anca ao seu sedan da Toyota.



Os seus óculos de sol desapareceram, pó soprado em todos os detritos perdidos do nosso passado. Eu podia usá-los agora, estar tão na moda na Sunset Boulevard como ele com o seu automóvel.

A maior parte das pessoas tinha apenas motas, se tanto. Ainda hoje, no sítio de onde venho, há mais pessoas a andar de mota do que de carro. Como diz uma anedota:

Que nome se dá a um monovolume vietnamita?

Mota.

Numa fotografia a preto-e-branco de Nick Ut que está na parede da minha sala — não a de Phan Thị Kim Phúc, queimada pelo napalm, a correr e a gritar —, um homem conduz uma mota, fugindo de uma batalha, à sua frente dois rapazes, a mulher atrás a agarrar outro menino, mais dois rapazes atrás dela, a olharem para a objetiva de Nick Ut.

Num único fotograma tremeluzente da memória, um empregado da família leva-me à pré-primária numa mota. O meu pai disse-me, há uns anos, que eu ia à frente dele na sua *Vespa 50*. Quem me dera ter uma fotografia minha com o cabelo ao vento, um plano perfeito para Wong Kar-wai captar enquanto passamos por homens queimados pelo sol a pedalar os seus xích-lô ou a conduzir táxis-lambreta de três rodas. Cinto de segurança? Assento de carro? Capacetes? Ah! Isto era o Viêt Nam!

Se eu perguntasse agora ao Ba se ele se lembrava dessa memória, receio que ele diria que não. Por isso, fico em silêncio.

O Ba é o documentarista da família. A sua máquina fotográfica registou a nossa primeira casa num subúrbio de classe média de Harrisburg, onde vivemos durante os nossos primeiros três anos nos Estados Unidos, mas não fixou a memória da nossa segunda casa, numa movimentada rua de duas faixas no meio da cidade: tijolo vermelho, com inquilinos no andar de cima, pais brancos cuja filha pequena brinca comigo no sofá que o anterior proprietário descartou no quintal. Eu e o meu irmão partilhámos um quarto, ele a ouvir êxitos da década de 1970 como «Hotel California», que os rapazes vietnamitas da sua geração eram obrigados a decorar. Troco as sílabas das palavras, fazendo o meu pai rir-se durante aquele breve intervalo em que o inglês dele foi melhor do que o meu.

A South Tenth foi a terceira casa, mais um passo na direção do sinal de néon vermelho intermitente do AMERICAN DREAM™ que nos acenava convidando-nos a avançar pelas planícies escuras desta república. Os meus pais atravessaram essas planícies num avião a jato quando ouviram falar de San José, na Califórnia, pela sua grande amiga Bác Quý, que tinha fugido com a minha mãe da nossa cidade natal. Um clima mais quente, melhores oportunidades, muitos mais compatriotas nossos. Assim, em 1978, mudámo-nos.

Graças a Deus.

Estava a brincar, Harrisburg.  
Nem sequer acredito em Deus.

Estou mesmo a brincar, Harrisburg. Sentia-me feliz contigo — capital da Pensilvânia! —, mas um miúdo de sete anos, desde que alguém o ame, consegue ser feliz em qualquer lado, mesmo que seja só a vinte quilómetros de Three Mile Island, local do pior desastre nuclear dos Estados Unidos, a fusão ocorreu um ano depois de termos partido.

San José tem uma música e tu não, Harrisburg. E daí?  
Ninguém precisa de indicações para chegar a São Francisco.

A própria Dionne Warwick admitiu: «É uma canção parva e eu não queria cantá-la. Mas ganhou um Grammy, vendeu milhões e foi um êxito do top ten mundial em 1968. Enquanto as pessoas cantavam ao som das suas aparelhagens em casa ou no conforto das carruagens com painéis de madeira, soldados americanos comandados por um capitão mexicano-americano assassinaram quinhentos e quatro civis vietnamitas em Mỹ Lai, três anos antes do meu nascimento.

O meu país continua a matar inocentes.  
No dia em que revejo estas palavras pela primeira vez,

o «Pentágono Admite  
Baixas Cíveis  
na Somália pela Terceira Vez.»

A vítima é Nurto Kusow Omar Abukar, morta  
cinco meses antes, na cidade de Jilib, num ataque

que visava membros do Shabab, um  
grupo extremista ligado à Al-Qaeda.

Nurto Kusow Omar Abukar, uma rapariga de dezoito anos,  
inicialmente referida como

terrorista

pelo AFRICOM, morta por uma munição GBU-69/B  
de pequeno calibre fabricada pela Dynetics, que

fornece soluções no domínio da engenharia, ciência  
e tecnologias de informação, acessíveis e de baixo custo,  
para a segurança nacional, cibersegurança, espaço  
e setores de segurança de infraestruturas críticas.

O meu irmão diz que conhecia uma das crianças,  
um antigo colega de turma.

Anos mais tarde, visito Sơn My, é assim que os vietnamitas  
chamam à aldeia do massacre. Caminhos de cimento  
serpenteiam pela aldeia, com marcas de pegadas que  
simbolizam os mortos ausentes, os fantasmas vivos.  
Tenho o cuidado de não pisar as suas pegadas.

Uma década depois de a canção de Dionne Warwick ter atingido o  
topo das tabelas, chego a San José, vejo um anúncio institucional

sobre a cidade, acompanhado pela canção dela e penso: Isto não é nada fixe, apesar de eu próprio não ser definitivamente nada fixe.

Quem chega a San José pode passar pela East Santa Clara Street, o trato digestivo que atravessa a pança que é o centro da cidade. Num pequeno e sombrio apêndice de uma rua lateral, a Bác Quý abriu a primeira mercearia vietnamita, a Bác Quý que nunca se casou, nunca teve filhos e que me dá notas de cem dólares para o Tết. A Má ajuda-a durante vários meses, enquanto o Ba trabalha numa linha de montagem. Depois, o Ba e a Má abrem a segunda mercearia vietnamita da cidade... a dois quarteirões de distância.

Deve ser a definição de concorrência amigável.

Situada na East Santa Clara Street, a loja é o umbigo da pança da cidade. Os meus pais chamam-lhe Sài Gòn Mới, fundindo a palavra «Saigão» ocidentalizada e o «Sài Gòn» original. Não traduzir Sài Gòn Mới deve ser uma afirmação de que *estamos aqui porque vocês estiveram lá*. Não traduzir pode até ser uma espécie de desafio, mas eu ainda não percebo isso. Aceito simplesmente que esta loja é para nós, para pessoas que não precisam de tradução, mas que têm de existir apenas em tradução sempre que encontram os americanos que as rodeiam.

Quando o meu irmão termina o liceu como melhor aluno e orador do San José High, o *San José Mercury* de 1982 escreve sobre ele e caracteriza a Sài Gòn Mới do Ba e da Má como um

grande armazém em miniatura, cheio de rolos de seda e livros vietnamitas, bem como mercearias indochinesas e comida de plástico americana.



Um grande armazém em miniatura!  
Porque é que eu nunca imaginei assim  
esta tão humilde empresa dos meus pais?

Uns portões em acordeão chiantes protegem a fachada da loja, protestando sempre que são abertos e fechados. Longas línguas de papel amarelo adesivo pendem do teto, cheias de moscas mortas. O arroz branco está empilhado até às vigas em sacos de cem quilos. Nas traseiras, um talhante corta peixe e carne, enquanto eu carimbo os preços com tinta roxa em latas de gelatina de ervas e de líchias em calda. Molho de soja, molho de ostra, nước mắm e mắm ruốc num tom de roxo repugnante. Refrigerante de coco *Coco Rico* em latas verdes. Um moinho de café, cujo aroma se mistura com o do arroz. Aparelhos de som *JVC* com leitores de cassetes em caixas atrás do balcão, que os meus pais enviam para os nossos familiares no nosso país, que os vendem a dinheiro.

Porque é que eles precisam de dinheiro?  
E, se precisam, porque é que não podemos  
simplesmente mandar-lhes dinheiro?  
A minha vida com o Ba e a Má  
definida por perguntas  
que nunca faço.

Debaixo do balcão de vidro estão os romances chineses de artes marciais, traduzidos para vietnamita, que o meu irmão consegue ler, mas eu não (nem nunca conseguirei). Tenho oito anos. Posso comer (e como) todos os dónutes chineses e bolas de sementes de sésamo fritas que me apetecer, mas também bolachas de manteiga dinamarquesas em latas azuis e palitos doces e cerejas cobertas de chocolate que rebentam e me escorrem da boca.

Não voltei a provar nenhum desde o tempo da Sài Gòn Mới. O que aconteceria se eu comesse agora uma cereja coberta de chocolate? Lembrar-me-ia de tudo o que esqueci ou tentei esquecer?

Tenho tudo o que preciso, mas quase nada do que quero. Não quero o catolicismo, mas os meus pais inscrevem-me na Saint Patrick School, alguns quarteirões para sul, um rapaz vietnamita que usa calças de bombazina verde-irlandês e um casaco de malha verde-irlandês com um trevo no bolso.

Nunca mais usei calças de bombazina nem verde-irlandês.

Todas as manhãs, depois do Juramento de Fidelidade, rezamos uma ave-maria e um pai-nosso. Sei o pai-nosso de cor e nunca imaginei que pudesse esquecê-lo, embora, ao tentar rezá-lo agora, me aperceba de que só consigo chegar até

perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.

Esqueci-me da segunda parte.

Noutra polaroide da memória, recebo a Primeira Comunhão em Harrisburg. Todas as crianças ficam bonitas quando recebem este sacramento, os meninos com gravatas de clip, as meninas com vestidos brancos. Eu devia estar bastante adorável, a caminhar solenemente pela nave, com as mãos em concha estendidas para o padre para pegar na esferovite sagrada, ansioso por engolir aquele bocado do Corpo de Cristo com o meu primeiro gole do xarope de Sangue de Cristo.

O vinho tinto  
não me seduziu.  
Acabo por me tornar ateu.

Não digam nada ao meu pai,  
ele oferece-me uma garrafa de vinho  
sacramental feito por monges todos os Natais.

O nome católico do Ba é Joseph, assim como o meu. O da minha mãe, Maria. Como muitos outros imigrantes e refugiados antes deles, o Ba e a Má tornam-se sacrifícios humanos, atirando-se contra o arame farpado para que eu possa passar por cima das costas deles e entrar neste estranho mundo novo. Trabalham incansavelmente, quase de sol a sol, quase todos os dias do ano, exceto na Páscoa, no Tét e no Natal.

Cada dia é a sua própria  
estação da Via-Sacra.

Sei, agora, que eles me amavam e amavam o meu irmão porque só de vez em quando é que nos faziam trabalhar na SàìGòn Mói. É por isso que, numa véspera de Natal, por volta de 1980, tenho eu nove anos, os meus pais estão na SàìGòn Mói enquanto eu e o meu irmão ficamos em casa.

Na Sài Gòn Mới, o Ba estaria de camisa e calças; a Má, de blusa e calças ou saia pelo joelho, talvez com um casaco a condizer. No mundo exterior à nossa casa, estão sempre bem arranjados, apresentáveis, semiformais, sem nenhum vestígio das suas origens rurais. Super-heróis disfarçados de pais, salvam-nos não com as proezas hollywoodescas, com helicópteros e carros numa velocidade furiosa e réplicas que tentam ser espirituosas, mas de um quartel-general secreto na Sài Gòn Mới.

Em breve voltarão para casa, para uma cozinha com uma máquina de lavar louça que nunca usam e uma sala de jantar com um piso de linóleo e um lustre com seis abajures de vidro, um dos quais eu parto logo na primeira noite em que nos mudamos, porque estou tão entusiasmado que corro pela casa aos gritos e esbarro no lustre baixo. O meu irmão varre o vidro partido e o meu pai, exasperado, repreende-me. Esta noite, eu e o meu irmão estamos à espera dos meus pais numa casa que era perfeita e nova até eu partir aquele candeeiro. Estou a ver televisão.

Através das janelas do meu castelo de areia da memória,  
ouço o oceano da amnésia, perpétuo, invencível.

Quando o Ba e a Má chegarem a casa, exaustos mas talvez satisfeitos por serem, mais uma vez, patrões de si próprios, vão fazer o jantar para os filhos que estão à espera. Mais tarde, o meu pai descreve o meu irmão, que é obediente em tudo, como esquisito com a comida, ao contrário de mim, que como tudo o que os meus pais cozinham. Talvez ser esquisito com a comida seja a maneira de o meu irmão mais velho, que é muito responsável, resistir às suas obrigações. Talvez a minha intuição me diga que preparar uma refeição é demonstrar amor sem nunca dizer amo-te.

Se voltarem para casa na carrinha de carga azul que o Ba usa para ir buscar mercadorias para a Sài Gòn Mới e que estaciona na rampa,

entrarão pela porta da frente. Se regressarem no sedan *Ford* branco com capota e acabamentos bordeaux, estacionam na garagem e entram pela porta da garagem. Descalçam os sapatos à porta e vestem as suas roupas de andar por casa, uma t-shirt branca e uns calções para o Ba, uma camisa de dormir para a Má. Demasiado cansados para se preocuparem com o seu aspeto, demasiado pressionados para terem tempo de comprar fatos de treino ou calças de fato de treino ou o que quer que seja que os pais americanos que trabalham devem usar em casa. Os seus filhos são as únicas testemunhas oculares da sua vulnerabilidade, da sua carne, dos seus temperamentos ocasionalmente difíceis.

O Ba e a Má partilharão a cozinha com uma bancada de fórmica e luz fluorescente. O Ba é um homem vietnamita invulgar, porque se encarrega de metade das tarefas domésticas e cozinha, costura, remenda, faz alterações na roupa, pois em tempos foi alfaiate. Faz os cortinados e as bainhas das minhas calças de ganga, enquanto a Má as passa a ferro, não negligenciando os vincos. Os meus colegas de turma gozam comigo por estar tão deslocado que ainda uso calças de ganga com vincos.

O Ba merece ser elogiado por fazer muito mais do que a maioria dos homens vietnamitas e, ao mesmo tempo, recusar os seus vícios — fumar, beber, jogar bilhar, ter amantes, passar o tempo com os amigos em cafés homosociais onde os clientes estão rodeados pelo fumo do tabaco e pela nostalgia. Mas a Má merece ainda mais elogios só por fazer o que se espera dela como mulher vietnamita, o triplo turno de trabalho fora de casa, mais as tarefas domésticas e criar os filhos.

A Má não é grande cozinheira, mas não é por falta de talento; é só por falta de tempo. Depois de reformada, faz alguns pratos elaborados, como camarão gigante com molho de alho, sempre que vou lá jantar. Mas, no final de 1980, tanto o cardápio dela como o do meu

pai são simples. A refeição que teriam feito nessa véspera de Natal incluiria três pratos, como sempre: um acompanhamento de legumes, como rau muống frito ou pepinos fatiados em molho vinagrete; uma sopa simples, provavelmente canh cà chua, o tomate empolado pelo caldo quente, aromatizado por um punhado de camarões secos pequeninos; e um prato de carne, muitas vezes miudezas cozidas das vacas e dos frangos, servida com um molho suave de nước mắm, diluído em água, ou sal e pimenta a flutuar numa poça de sumo de limão.

Mastigo e mastigo sem protestar, talvez porque não sei fazer melhor, mas provavelmente sei. Vejo na televisão o rolo de carne, a carne assada e os guisados que os brancos comem. Mastigo e mastigo porque amo os meus pais e não conheço outra forma de lhes retribuir que não seja comer o que eles cozinham e tentar ser o que eles dizem que devo ser em quase todas as refeições: bom, obediente, respeitador. Interpreto estas ordens como: Fazer o que me mandam. Estar calado. Não fazer perguntas.

Quando o Ba e a Má têm tempo, fritam meia dúzia ou mais de costeletas de porco em molho de soja caramelizado e açúcar, o meu prato preferido. O meu pai faz questão de que eu coma duas, três ou quatro, mais do que ele. A peça central da refeição e da mesa é a panela de arroz *National*, atarracada e espaçosa, com um botão, que só faz uma coisa, arroz branco, ao contrário da elegante *Zojirushi* que agora tenho e que também faz arroz de sushi e papas de aveia. A simpática *Zojirushi* com o seu chip inteligente não destoaria num desenho de anime e avaria-se facilmente. A analógica *National* perdura como tudo o que o Ba e a Má possuem. Como os próprios Ba e Má.

Talvez, por ser véspera de Natal, o Ba e a Má tragam para casa uma garrafa de champanhe *Cook's Champagne* de 3,99 dólares do supermercado Lucky, a dois quarteirões da Sài Gòn Mới. O champanhe

dá-me dores de cabeça e leva-me a pensar durante décadas que não gosto de champanhe. Mas o jantar da véspera de Natal nunca chega. Em vez do tiro da rolha da garrafa de champanhe, o telefone toca na cozinha e o meu irmão deixa-me onde estou, a ver desenhos animados na sala de estar. Estou a rir quando o meu irmão reaparece.

Dispararam sobre o Ba e a Má, diz o meu irmão.

Talvez me esteja a rir como o meu  
filho de nove anos se ri agora  
quando vê desenhos animados:  
estridentemente,  
extasiado.

Dispararam sobre o Ba e a Má, diz ele outra vez.

Eu

O que é que se passa contigo?

paro

Porque é que não dizes nada?

de rir.

Não *sentes* nada?

Sinceramente, não.  
O torpor é um  
sentimento?

O teu irmão, sete anos mais velho, chora.

Tu manténs o olhar fixo  
na televisão, sem dizer  
nada, uma coisa  
em que vais ser  
excelente.

Não te lembras de como dormiste nessa noite, nem de como ou quando o Ba e a Má regressam do hospital no dia seguinte, mas sabes que voltam rapidamente ao trabalho. Uns simples ferimentos no corpo não podem fazê-los parar, é o que pensas na altura. O Ba e a Má são imprescindíveis. O Ba e a Má são imortais.

É mais fácil pensar neles assim, ou não pensar neles, do que imaginá-los deitados na sua cama de casal queen size quando regressam a casa, a tratar dos seus ferimentos, talvez a chorar, aterrorizados com o dia e a noite seguintes na Sài Gòn Mới.

A tua família nunca fala deste incidente, tal como tu nunca falarás de tantas coisas, tal como nunca chorarás pelas cicatrizes que não pedes para ver e que o Ba e a Má não mostram, feridas inundadas pela luz vermelha do néon do filme das suas vidas que ninguém fará.

É pena que te tenhas tornado escritor em vez de cineasta.  
Agora vives em Los Angeles. Quando  
dizes às pessoas que és escritor

ninguém liga nenhuma.

OLÁ, HOLLYWOOD?



Vocês são refugiados, não exilados.  
Vocês são refugiados, não expatriados.  
Vocês são refugiados, não migrantes.  
Vocês são refugiados, não imigrantes.  
Vocês são muitos, não poucos.  
Vocês são muitos, não um.  
Mas apesar de serem  
uma horda, também  
não são nada. Vocês,  
os refugiados.

Talvez alguns dos refugiados da Segunda Guerra Mundial tenham sido retratados por Hollywood, mas são muito poucos os filmes de Hollywood que vos apresentam, vocês, os refugiados das últimas décadas, embora as vossas vidas tenham tudo o que Hollywood deseja: Drama! Tragédia! Guerra! Romance! Amantes separados! Crianças órfãs! Famílias divididas! Probabilidades impossíveis! Histórias emocionantes de reencontro e sucesso! (Ignorar os que não voltaram a reunir-se, os que não tiveram sucesso).

MAS –  
e este é um grande

**MAS**

– falta-vos, a vocês, refugiados, um elemento  
crucial de que Hollywood precisa:

Vocês. Não. São. Brancos.

Têm casa própria ou um apartamento arrendado. Vivem com a família ou sozinhos. Acordam de manhã e bebem o vosso café ou chá. Andam de carro ou de mota, ou talvez apanhem o autocarro. Vão para o trabalho e ligam o computador. Saem à noite e namoriscam ou têm um encontro com alguém. Assistem a filmes e programas de televisão e fantasiam que são vocês naquele ecrã. Vivem numa cidade pequena ou grande, ou talvez no campo. Têm esperanças, sonhos e expectativas. Consideram a vossa condição de seres humanos um dado adquirido. Continuam a acreditar que são humanos quando uma catástrofe vos deixa sem casa. Há um manto de fumo e fogo sobre a vossa aldeia ou cidade. Vão de carro, a correr, a andar ou apanham um autocarro até à fronteira ou ao mar. Só então, tendo fugido, esperando partir, ou conseguindo atravessar a fronteira ou o mar, a pé, de barco, de jangada, de camiã, é que percebem que aqueles que não são refugiados vos veem, a vocês, refugiados, como os zombies do mundo, os mortos-vivos que se levantam de Estados moribundos para marchar ou nadar em direção às fronteiras dos vivos em ondas intermináveis e assustadoras.

Os que estão do outro lado não vos veem minimamente como humanos.

É esta a terrível experiência de nos juntarmos aos cento e três milhões de pessoas forçosamente deslocadas do mundo, como lhes chama o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. Os refugiados da invasão russa da Ucrânia são mais bem recebidos porque são uma raridade: são brancos. Talvez Hollywood até venha a fazer um filme sobre a odisseia dos refugiados ucranianos que fogem para o México e pedem asilo na fronteira dos Estados Unidos, com Angelina Jolie no papel de uma refugiada enlameada, mas ainda assim bonita. Mas provavelmente Hollywood não fará um filme sobre os refugiados africanos que fogem da Ucrânia, maltratados

na fronteira polaca, ou sobre os refugiados da América Central que ficam à espera na fronteira dos Estados Unidos enquanto os ucranianos brancos passam.

A nação dos deslocados é maior do que a Nova Zelândia ou a Irlanda, a Noruega ou a Dinamarca, Singapura ou Hong Kong, a Suíça ou a Áustria, Portugal ou a Grécia, a Bélgica ou a Holanda, Taiwan ou a Austrália, a Coreia do Sul ou o Reino Unido, a Arábia Saudita ou a Espanha, a Itália ou a França, o Camboja ou a Tailândia, a Alemanha ou o Irão.

Porque é que vocês se comparam sequer com uma nação?  
As pessoas odeiam-vos, definem-se por oposição a vocês,  
que já não fazem parte de uma nação, que lembram a  
fragilidade dos lares e das nações, que são  
uma ameaça à existência das nações.  
Mesmo que não vos odeiem,  
veem-vos como uma crise.

A vocês, refugiados.

Esta nação de pessoas deslocadas é um pouco maior do que o Viet Nam, com noventa e sete milhões de pessoas, a décima quinta maior nação do mundo. Apesar de parecer recatado, o vosso povo gosta mesmo de procriar! Mas, por mais que sejam motivados por Eros, talvez Tanatos também vos persiga, ensombrados como estão por três milhões de mortos na guerra e pelas centenas de milhares ou talvez milhões de mortos que vos precederam nos outros conflitos, na fome e na colonização do século anterior. Estás orgulhoso do teu povo libidinoso e fértil, tu, que foste um deles até seres

Des-locado.

Des-local.

Dis-local.

Este lugar que não é um lugar e continua a ser o vosso lugar.

Os deslocados à força incluem os deslocados internos e os requerentes de asilo, bem como trinta e dois milhões e meio de refugiados (enquanto nação, maior do que a Malásia, mais pequena do que Angola). Os países que obrigam a sair ou expulsam mais refugiados são a República Árabe da Síria, a Venezuela, a Ucrânia, o Afeganistão e o Sudão do Sul. A força e a violência abrem caminho à existência de refugiados. O medo e o terror moldam os refugiados. Fazem-se coisas aos refugiados antes de eles fazerem coisas como fugir. Fugir. Dizer por favor. E obrigado.

Quanto aos judeus europeus que sobreviveram ao Holocausto e se tornaram refugiados, Hannah Arendt escreveu:

Disseram-nos para esquecer; e nós esquecemo-nos  
mais depressa do que alguém poderia imaginar.

Esforçaste-te ao máximo por  
esquecer. Tornaste-te muito bom em  
esquecer. E agora é difícil, tendo esquecido  
tantos pedaços de ti próprio e daqueles que amas,  
re lembrar os teus muitos pedaços deslembrados.

Os países que acolhem mais refugiados são a Turquia, a Colômbia, a Alemanha, o Paquistão e o Uganda. Até à invasão russa da Ucrânia em 2022, não era o Ocidente que tinha acolhido a maior parte dos refugiados desde a Segunda Guerra Mundial, apesar dos lamentos de alguns países ocidentais de que se pede demasiado ao generoso, liberal e cosmopolita Ocidente, que, entre outros feitos civilizados, inventou o garfo — muito mais fácil de usar do que os pauzinhos, muito mais higiénico do que a mão — bem como o napalm lançado sobre Phan Thị Kim Phúc, a máquina fotográfica e a película que a registaram queimada e nua, e todo o aparelho de reprodução mecânica que a gravou na memória das pessoas de todo o mundo, a ponto de o seu rosto e o seu corpo representarem agora o Vietname,

país de guerra, país de vítimas, merecedor da piedade do Ocidente e da maioria dos outros.

És do Ocidente?  
Deves ser do Ocidente.  
San José fica no Oeste e tu  
sabes o caminho para San José.

Nascestes em Ban Mê Thuột, que agora se escreve Buôn Mê Thuột ou Buôn Ma Thuột, um nome alterado pelos vencedores, juntamente com muitas outras coisas. Livrar-se das influências francesas, restaurar algumas raízes sinizadas, ou simplesmente mudar o nome de acordo com os novos heróis. Sài Gòn torna-se Hồ Chí Minh City, e se aterrasses no aeroporto e lhe chamares phi trường em vez de sân bay, ou se chamares a um banco nhà băng em vez de ngân hàng, saberão que partiste em 1975. Quanto à tua cidade natal, Buôn Ma Thuột está mais próximo de Buôn Ama Thuột, o nome usado pelos seus primeiros habitantes, os Ê Đê.

Não te lembras de nada daquilo a que o *New York Times* chamou

uma cidade sonolenta e encantadora nas terras altas

onde o último imperador, Bảo Đại, teve em tempos pavilhões de caça. Na altura em que nasceste, são os conselheiros militares americanos que ocupam esses alojamentos. Jipes e camiões de fabrico americano, conduzidos por soldados do Sul, roncavam pelas estradas e ruas pavimentadas de duas faixas. Ban Mê Thuột mudou, pois aquando da visita do presidente Ngô Đình Diệm em 1957, mais ou menos na altura em que o Ba e a Má se mudaram para lá, a cidade era pouco mais do que uma aldeia com estradas de terra batida, conhecida pelo seu café, pelas suas cascatas e pelas suas minorias étnicas, incluindo os rade que

caminhavam descalços pelas ruas  
ou montados em enormes elefantes.

Os rade são agora os Ê Đê. Vocês, uma minoria étnica nos Estados Unidos, são a maioria, os kinh, no Vietname.

Os kinh são um povo imperial e guerreiro, marcharam para sul,  
vindos da China, para se apoderarem das terras dos cham,  
dos cambojanos e de dezenas de povos indígenas das terras  
altas a que os franceses chamavam montagnard.  
Vocês chamaram-lhes Mọi. «Selvagens».  
Vocês, os colonizadores agora colonizados  
pelos franceses, trabalham para  
a burocracia colonial francesa,  
e são quase brancos, mas  
não exatamente.

Se fosse feito um filme sobre a viagem épica dos refugiados da tua família, muito provavelmente um projeto de baixo orçamento resultante da paixão de um cineasta vietnamita com uma história na diáspora como a tua, começaria com um calmo prelúdio no início de março de 1975, quando o teu belo pai embarca num avião para Sài Gòn numa viagem de negócios. Leva uma pasta com ouro e dinheiro para comprar uma casa em Sài Gòn. O plano é que tu e o teu irmão estudem lá, em vez de estudarem na vossa cidade natal na província.

Talvez a Má te leve ao aeroporto Phụng Dực, com a sua torre de controlo laranja-escuro e o pequeno terminal com o comprimento de duas ou três carruagens de comboio. Talvez o Ba te dê um abraço de despedida, pois acabaste de fazer quatro anos e ainda precisas de abraços. Talvez lhes acenes um adeus e vejas o avião dele descolar da pista de terra vermelha e elevar-se para lá dos helicópteros militares e dos aviões de carga. Voltam para casa, a oeste do aeroporto,

na Ama Trang Long Street. Os aposentos da tua família ficam por cima da empresa da família, que vende joias e peças de automóvel e evoluiu a partir do negócio original com o qual o Ba e a Má começaram a sua ascensão: um balcão único onde a Má vendia tecidos e o Ba era alfaiate, uma inovação inédita na economia local.

Não sabes que estás prestes a entrar na História. Não muito longe dali, o exército comunista reúne dezanove divisões para lançar a sua decisiva invasão de surpresa do Sul. O seu primeiro alvo: Ban Mê Thuôt.

Estás grato por todas as coisas de que não te lembras. Não te lembras da barragem de artilharia que começa às três da manhã do dia 9 de março, dos ataques de sapadores ao aeroporto de Phụng Dực, dos tiroteios entre as tropas do Norte e as do Sul, estas últimas armadas com M16 e protegidas por capacetes americanos. Os sons da guerra seriam familiares para a Má, tendo partes da cidade sido incendiadas quase exatamente sete anos antes, em fevereiro de 1968, durante a Ofensiva do Tét.

Décadas mais tarde, na festa de um desconhecido nos arredores de San Gabriel Valley, na Califórnia, o anfitrião saca de uma AK-47 e dispara para o chão para celebrar o Ano Novo. O som é ensurdecedor. Sente-se o impacto das balas no solo enquanto o atirador esvazia o carregador. Multiplica por mil para produzir o volume e a velocidade do metal voador e o medo que a tua mãe sentiu. Sais da festa o mais depressa possível depois de o anfitrião de vinte e poucos anos andar a distribuir apertos de mão sem largar a AK-47. Os teus amigos dizem-te que ele franziu o sobrolho quando saíste, mas tu estás-te nas tintas. És um cobarde. E tencionas continuar a sê-lo.

Uma imagem de soldados do Norte com fardas verde-azeitona e capacetes caqui, sentados em tanques, surge no oceano da tua amnésia, mas nenhuma imagem da tua mãe, frenética por não conseguir

telefonar ao teu pai, todas as linhas de comunicação estão cortadas. A Mãe toma uma decisão. Foge com a Bác Quý, o teu irmão de dez anos e contigo, deixando para trás a tua irmã de dezasseis anos (adotada) a guardar a propriedade da família. A tua mãe acredita que a tua família vai regressar. Há anos que a guerra anda para trás e para a frente. Porque havia de acabar desta vez?

Aos dezasseis anos, és um estudante do liceu a trabalhar no parque de diversões Great America, é o teu primeiro emprego. A tua maior preocupação: arranjar uma namorada. A tua irmã de dezasseis anos (adotada) torna-se adulta de forma diferente. Vê a mãe e os irmãos a deixarem-na para trás. Terá sido de dia? O mais provável é que tenha sido pela calada da noite, para fugir às patrulhas comunistas. Ela fecha a porta, tranca-a. O seu coração bate depressa. Chora sozinha. Uma criança a enfrentar um futuro imenso e aterrador.

Não sabes que nada disto aconteceu, mas que mais poderia ter acontecido? Não sabes se choras quando a deixas, mas esperas que sim, dando-lhe um sinal de que será amada e sentirás a sua falta.

Não te lembras deste momento, nem da tua irmã (adotada).

Os teus pais não voltarão a vê-la durante quase vinte anos.

Tu não voltarás a vê-la durante quase trinta anos.

Esta é uma história de guerra.

O teu irmão lembra-se dos paraquedistas mortos pendurados nas árvores, mas tu não. Também não te lembras se percorreste a pé os cento e oitenta e quatro quilómetros até Nha Trang, ou se a tua mãe te levou ao colo, ou se apanharam boleia num dos carros, camiões, carroças, motas e bicicletas que entupiam a estrada. Talvez ela se lembre, mas nunca lhe perguntaste nada sobre o êxodo, sobre as dezenas de milhares de refugiados civis e soldados em fuga, a luta desesperada para entrar num barco em Nha Trang, alguns dos

soldados a disparar sobre civis para abrir caminho, usando M16 americanas em vez de AK-47.

A Má contratou estranhos para te levarem às costas, diz o teu irmão.

A Má amarrou ouro às pernas do teu irmão, diz o teu pai.

Mas quarenta e cinco anos depois, o Ba também diz,

Não faço ideia daquilo por que a tua mãe passou.

Não te lembras do tempo, mas nos meses de março e abril deve ter estado bom, nem muito quente, nem muito húmido. Não te lembras de encontrar o teu pai em Sài Gòn, nem de terem esperado mais um mês até o exército comunista atacar a cidade, nem de como os teus pais devem ter ficado aterrorizados, nem de como passaram os dias a tentar encontrar formas de sair da cidade, nem de como, no último dia antes da ocupação — ou libertação, dependendo do ponto de vista — da cidade, tentaram chegar ao aeroporto, depois à embaixada americana e, por fim, abrirem caminho à força entre as multidões nas docas para chegar a um barco, de como o teu pai se separou de vocês, mas decidiu saltar sozinho para um barco, nem de a tua mãe ter feito o mesmo, ambos entregando-se a Deus, mas também, como sempre, tomando as suas vidas nas suas próprias mãos, e de como depois se juntaram todos num navio maior, de como flutuaram durante três dias, de como a tua família faz parte da QUEDA DE SAIGÃO com a imagem do helicóptero num telhado, uma fila de seres humanos, prestes a tornarem-se refugiados, a subir por uma escada.

És uma testemunha da

História porque estavas lá?

Podes ser uma testemunha da

História se não te lembrares dela?

Lembras-te de um homem bondoso que partilhou o leite com a tua mãe para to dar, ou talvez te lembres apenas de a Má te contar esta

história. Talvez o leite esteja azedo. Ou talvez, mesmo que o leite esteja bom, associes o seu sabor a um barco a transbordar de gente assustada, a um mar que nunca viste. No futuro, a Má põe açúcar no leite para que o bebas, mas nunca ultrapassas a tua aversão ao leite e ao queijo, engasgando-te até com os triângulos macios e insípidos da *Vaca Que Ri*, que o Ba gosta de comer com pedaços de banana. Dás por ti a pensar que podias ter um metro e oitenta de altura se não fosse a tua alergia aos laticínios, uma consequência menor de seres um refugiado que ficou gravada nas tuas papilas gustativas e no teu corpo.

Ou talvez sejas apenas intolerante à lactose.

Lembras-te do mar azul. Lembras-te dos soldados no teu barco a abrirem fogo sobre um barco mais pequeno de refugiados que tentava aproximar-se.

O teu irmão diz: Isso nunca aconteceu.

E se ele estiver enganado?

New Life — é este o nome da caótica operação americana para resgatar os aliados dos americanos da República do Viet Nam, um país que já não existe exceto na imaginação da sua diáspora global de refugiados de mais de cinco milhões de pessoas, um país que a maior parte do mundo recorda como Viet Nam do Sul. Depois de uma guerra que matou três milhões de vietnamitas, várias centenas de milhares de laocianos, cambojanos e hmong, mais de cinquenta e oito mil americanos, cerca de cinco mil sul-coreanos e centenas de pessoas de outros países, talvez este seja um nome adequado.

Ou será que não?

AMERICA™,  
uma nação pró-vida,

indivisível, temente a Deus,  
regou os seus campos escuros  
com o sangue derramado  
da colonização,  
do genocídio,  
da escravatura  
e da guerra.

Nascido no Ano do Porco como Nguyễn Thanh Việt, renascido na AMERICA™ como Viet Thanh Nguyen. Foi a História que fez a tua cesariana, como faz com todos os refugiados da AMERICA™, trazendo-te ao mundo como esse sujeito mitológico, o amnésico, desenraizado, sintético Novo Americano.

Ao contrário do sentimento e do elogio, os recém-  
-nascidos — arroxeados, viscosos e a gritar,  
de olhos fechados com força contra a luz  
alienígena — são geralmente um bocado feios.  
Tu não és exceção.

O castelo de areia da tua memória começa realmente a erguer-se depois das tuas passagens por uma série de bases militares americanas nas Filipinas, Guam e, finalmente, Pensilvânia. A partir de bases nas Filipinas e em Guam — bem como na Tailândia e no Japão — os Estados Unidos lançaram bombardeamentos sobre o Viet Nam, o Laos e o Camboja com aviões B-52 Stratofortress fabricados pela Boeing, a mesma empresa que fabrica a maior parte dos aviões em que agora voas pelo mundo. Mas, na altura em que deparas com essas bases, confuso e atordoado, elas fizeram uma pausa no negócio da morte para dar uma Nova Vida aos refugiados que fogem de países outrora colonizados pelo imperialismo francês. Tu estás a fugir para a

# AMERICA™

(entra a canção com o mesmo título, de Neil Diamond, filho de imigrantes judeus da Polónia e da Rússia, cujo nome de nascimento é realmente Diamond, e cuja letra não podes dar-te ao luxo de reproduzir).

América, a Grande!  
América, a Excecional!  
Um país  
que se opõe  
radicalmente  
ao imperialismo  
e ao colonialismo!

Exceto quando a AMERICA™ colonizou as Filipinas, Guam, o Havai, Porto Rico, Samoa, as Ilhas Virgens, as Treze Colónias, e praticamente os três quartos ocidentais daquilo que são hoje os Estados Unidos da América, que compraram 2 144 500 quilómetros quadrados por quinze milhões de dólares a um tipo francês, o equivalente histórico mundial de comprares uma *PlayStation Sony* muito barata e novinha em folha que te é mostrada na mala do carro de um tipo qualquer num parque de estacionamento, que diz, É tudo legal, meu.

Das bases do império americano no Pacífico, cento e trinta mil de vocês são transportados, provavelmente em aviões Boeing, para instalações temporárias em Fort Chaffee, no Arkansas; para a Base da Força Aérea de Eglin, na Florida; para Camp Pendleton, na Califórnia; e para Fort Indiantown Gap, na Pensilvânia. A partir destas bases militares nacionais, o aparelho governamental e as

instituições de beneficência distribuem-vos pelo país, diluindo a vossa intensidade de refugiados para que o corpo político americano possa mais facilmente engolir a vossa estranheza e amargura. Os hmong, refugiados do Laos, aterram nos Estados invernosos do Minnesota e do Wisconsin, bem como na soalheira Califórnia. A tua família vai para a Pensilvânia. Vocês, refugiados, que dizem Cali para Califórnia e Los com um «o» longo para Los Angeles e *Chick-ah-go* para Chicago, devem ter olhado para o nome do Estado de Ben Franklin e soltado um longo, longo suspiro.

Os teus pais, Joseph e Maria? Refugiados duas vezes.  
O José e a Maria da Bíblia? Refugiados uma vez.

Vocês e outros vinte e dois mil refugiados vietnamitas e cambojanos chegam a este Estado impronunciável no início do verão de 1975. Em vez do estábulo que José e Maria encontraram, ficam alojados numa das muitas casernas de dois andares do forte, marcadas com *T* de «temporário», embora tenham sido construídas na década de 1930.

Cada caserna pode albergar sessenta soldados ou noventa e seis refugiados em beliches. Quase sete metros quadrados por soldado, menos de quatro metros quadrados por refugiado. Não há divisórias para garantir a privacidade. A única casa de banho comum tem uma fila de sanitas à mostra e um chuveiro escuro e apertado, sem janelas nem divisórias. Reparas nestes pormenores quando regressas de uma visita guiada, quarenta e sete anos mais tarde, mas não tens a menor recordação do acampamento, muito menos das aulas de pronúncia e vocabulário que o comediante Richard Pryor diz que ali vos deram:

Puseram os vietnamitas todos nos acampamentos  
do exército e merdas do género,  
a fazerem testes e merdas dessas,  
a aprenderem a dizer «preto»  
para poderem tornar-se  
bons cidadãos.

A tua malta é boa nos testes. Passaste nesse?

Pryor não está enganado, só que alguns refugiados já sabem a diferença entre negro e branco. A americanização deles começa no Viêt Nam, para onde os americanos exportaram tudo, incluindo o racismo, como os franceses fizeram antes deles. É por isso que numerosos vietnamitas desprezam muito mais os filhos americano-asiáticos ou eurasiáticos de pais negros do que os filhos americano-asiáticos ou eurasiáticos de pais brancos.

Apesar de estarem semiamericanizados, precisam de ser acolhidos por americanos para deixarem o acampamento. Famílias e igrejas de todo o país acolhem famílias de refugiados. Ninguém quer a tua família inteira. Os teus pais são acolhidos por uma família e o teu irmão por outra. Uma terceira família vem buscar-te. Tu és o quarto.

Vai para onde te dói,  
disse-te uma vez a escritora Bharati Mukherjee, tua professora.  
Até ao osso.

É... aqui que dói.

## Livro selecionado para o National Book Award e o Baillie Gifford Prize de não-ficção

Com a queda de Saigão e a vitória vietcongue, Nguyen, apenas com quatro anos, e a família são forçados a fugir de barco da sua cidade natal e entrar nos Estados Unidos da América como refugiados. Após um período de separação, também forçada, a família instala-se nos subúrbios de San José, na Califórnia, e luta pelo desejado sonho americano. Contudo, a par do manifesto fosso cultural que a língua inglesa acabará por colmatar, a violência e o racismo espreitam sem cessar pela fachada acolhedora, democrática e igualitária da AMERICA™. Numa véspera de Natal, quando Nguyen tem nove anos e se encontra entretido a ver desenhos animados em casa, fica a saber que os pais foram baleados enquanto trabalhavam na mercearia de que eram proprietários. Mais tarde, já adolescente, filmes sobre a Guerra do Vietname, como *Apocalypse Now*, reabrem velhas feridas: como pode ele ser simultaneamente americano e vietnamita, o colonizador e o colonizado, o assassino e o assassinado?

Com lirismo, humor e uma sinceridade desarmante, Viet Thanh Nguyen, vencedor do Prémio Pulitzer com *O Simpatizante*, revê o extraordinário filme da sua vida em *Um Homem de Duas Caras* — uma história de guerra composta por autobiografia, biografias e tragédias familiares, por reflexões acutilantes sobre política, literatura e cultura, em prosa, verso e fotografia — para ir até onde dói, até ao osso, e procurar juntar os fragmentos da memória e da identidade, os seus dois «eus», o eu e o tu.

«Um olhar espirituoso e esmagador sobre o que significa ser refugiado, imigrante e americano num mundo que não nos vê como nós nos vemos.»

*Time Magazine*

«Um livro de memórias caleidoscópico. Profundamente pessoal e intensamente político.»

*Kirkus Reviews*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

[elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[penguinlivros](https://www.penguinlivros.com)

ISBN 9789897879722



9 789897 879722 >